

# ENTREVISTA COM GORDO NETO: “HÁ MAIS DE UMA FORMA DE (NÃO) VER AS COISAS” – sobre a montagem de *Dissidente*, de Michel Vinaver\*

Gordo Neto<sup>1</sup>  
Michele Louvores<sup>2</sup> e Joceval Santanna<sup>3</sup>

Por *Dissidente*, o diretor Gordo Neto recebeu o Prêmio Braskem de Teatro (2012) na categoria. Foi ele também quem provocou os integrantes da montagem a formarem uma nova companhia, a partir da rica experiência que compartilhavam. Segundo ele, o grupo já começa com um ponto a ser ressaltado: o foco do trabalho na interpretação.

“Edith Piaf está para a personagem Helena assim como Janis Joplin está para o seu filho, Felipe”.

\* Entrevista publicada originalmente no Caderno de Entrevistas do FIAC – Festival Internacional de Artes Cênicas de Bahia 2013. Texto cedido graciosamente pelos três autores para a publicação nesta Repertório nº 22.

<sup>1</sup> Ator e diretor teatral.

<sup>2</sup> Jornalista.

<sup>3</sup> Jornalista.

**Você se lembra de qual foi a sensação em seu primeiro contato com o texto de *Dissidente*? Com ele, você participou de um projeto de leituras dramáticas. Quando decidiu montá-lo?**

Lembro-me perfeitamente. O Vilavox fazia este ciclo de leituras, no Vila Velha, e, entre os textos, *Dissidente* apareceu pelas mãos de Catarina Sant’Anna, que o havia traduzido. Li e me encantei imediatamente. Havia algo diferente ali. Desde este primeiro momento, já estavam comigo Vivianne Laert e Ricardo Caian – atriz e diretor musical, respectivamente. Isto foi em 2008. Desde a leitura, já sabíamos que montaríamos, porque foi um desafio e um prazer enorme destrinchar as entrelinhas deste texto. Aguardamos por um apoio, um patrocínio, uma ajuda. Nunca chegou e a gente decidiu que já não era mais adiável... Dessas leituras, aliás, também saiu a montagem do monólogo *A Cela*, dirigido por Claudio Machado e com atuação de Jacyan Castilho: boas leituras impulsionam a gente para montagens.

**Como foi o caminho até a encenação? Por que a decisão, por exemplo, de encená-lo primeiramente em uma casa (Casa Preta, onde originalmente estreou)?**

A montagem de *Dissidente* foi tão fragmentada quanto o próprio texto é. Começamos e paramos várias vezes, por motivos diversos. A leitura já havia indicado um caminho, a nosso ver, interessante. Os ensaios na Casa Preta aos poucos foram direcionando meu olhar como diretor. A peça passa-se num apartamento na França, na década de 1970. Guardei na memória, ao longo da vida, alguns apartamentos por que passei que me remetiam a um possível apartamento dos personagens Helena e Felipe: seja na França mesmo, em Paris, quando me hospedei na casa de amigos, seja em Genebra, na Suíça, num outro tão pequeno quanto a nossa sala de ensaio, onde morei por alguns meses, ou ainda o minúsculo apartamento de Seu Jacó e Dona Xulamita, em Copacabana, no Rio, quando lá morei quando universitário. Estas lembranças, a ideia de um espaço absolutamente “realista”, se impunham à encenação. A opção por estreiar na Casa Preta era, ao mesmo tempo, uma escolha e uma imposição: era onde poderíamos fazer quando e como a gente quisesse e, sobretudo, sem dinheiro. Mas após a estreia, com as temporadas em outros teatros, descobrimos a força que a peça tinha, mesmo descolada do seu espaço original, mesmo porque, na

Casa Preta, nosso público é de, no máximo, 25 pessoas.

**Um núcleo familiar em que o pai não está ali, mas está ali. Uma narrativa em que o começo, o meio e o fim também não estão inteiros... Podemos dizer que *Dissidente* fala sobre estruturas tradicionais em rompimento?**

O autor Michel Vinaver é um dissidente. Suas peças são estruturalmente e conceitualmente uma quebra de estruturas tradicionais. É um desafio para os atores, num primeiro contato, lê-las sem gaguejar. Sem ação, aquilo parece confuso, disparatado. Ele evoca, em *Dissidente*, não apenas o pai ausente/presente, mas também os amigos de Felipe, a Senhora Tossu, a rua, a cidade... Tudo o que não é visto está tão presente que o palco, com dois atores, parece pequeno para tantas coisas, tanta gente.



**A peça remete a uma época em que as relações de consumo estavam começando a ser questionadas fundamentalmente. O que fala aos dias de hoje?**

*Dissidente* é atualíssima. Primeiro porque a relação mãe-filho é universal e é disso que trata, ao fim e ao cabo, a peça. E como parece sempre pouco ao autor te mostrar um lado, uma visão de mundo, uma possibilidade, uma perspectiva, ele invade nossa individualidade para nos dizer, nos reafirmar: há mais de uma forma de (não) ver as coisas.



**Em cena, uma mãe e seu filho; fora da cena, a atriz que representa essa mãe e seu filho, também ator. A relação entre mãe e filho é quase sempre muito forte, quando não dramática. Fale um pouco sobre como foi levar isso para o palco e a experiência com os atores, mãe e filho na vida real.**

A escolha de Tato Sanches (Felipe), filho de Viviane (Helena) foi uma sugestão de Daniel Farias, o ator que fez a leitura, lá em 2008. Não poderia ter dado mais certo, não apenas porque são mãe e filho na vida real, mas porque esta mãe e este filho são quem são. Primeiro, porque ambos são atores de primeira: inteligentes, rápidos, criativos e disponíveis. Segundo, porque usaram o que tem de bom em serem íntimos para que o trabalho fluísse melhor – a confiança, a troca, os olhares – e se pouparam do que poderia ter de ruim nisso: segundo eles, por exemplo, sequer bateram texto em casa. Conheço Vica (Viviane) há praticamente 20 anos, vi Tato pequeno, sabia que isso tinha muita chance de dar certo.



#### **Há uma relação edipiana sugerida ali...**

Há algo curioso nesta relação mãe e filho em *Dissidente*. No nosso entendimento, há, sim, uma relação edipiana sugerida ali, mas ela fica, assim como muitas outras coisas, sempre como “uma pulga atrás da orelha”, ora achamos que sim, ora, que não... Aí, em uma das críticas que o espetáculo recebeu, Eduarda Uzeda (no jornal *A Tarde*) escreve: “[...] o jovem intérprete surpreende positivamente em seu primeiro trabalho profissional. Ele convence como adolescente rebelde, mas – até mesmo porque não tem a experiência de Viviane – poderia trabalhar melhor as nuances de seu personagem (não fica claro se ele tem perfil edipiano,

por exemplo)”.<sup>4</sup> Quando lemos isso, foi superengraçado, porque aquilo que poderia ser uma ressalva (e não o deixa de ser, claro, porque vai além disso), para nós, foi um acerto: Felipe não poderia deixar clara a sua relação edipiana, assim como não ficam claros tantos outros pontos. Vinaver consegue deixar muitas perguntas e prefere construir um ambiente onde a tensão, os silêncios e as pequenas ações às vezes falam mais que palavras.

**O texto original quase não tem pontos e os poucos que há são de interrogação. Foi um desafio para a direção? O que você “solicitou” dos atores ou como conduziu a direção de atores, aliás, muito marcante nesta peça?**

Não há pontuação alguma, fora os pontos de interrogação. Também não há rubricas. *Dissidente* é um texto absolutamente bem escrito. É um texto para teatro, para ser dissecado na mesa, na cena e na repetição. Ainda descobrimos coisas novas, até hoje. Mas nós trabalhamos muito, muito mesmo, sentados

à mesa. Lemos e releemos aquilo do começo para o fim, do fim para o começo... Dividimos em unidades, estabelecemos letras para cada assunto tratado, líamos apenas o assunto “carro”, depois o assunto “emprego”, depois o assunto “pai”, e assim por diante. Foi um prazer enorme: há várias peças na peça. Tentamos chegar o mais próximo possível de uma linguagem coloquial, investimos no realismo, seja nos objetos, na comida, na sonorização ambiente. Mas também quebramos com ele, seja na presença do músico ao vivo, seja nas fugas intencionais, num hiper-realismo circunstancial, na exacerbação dos ruídos, por exemplo.

<sup>4</sup> UZEDA, Eduarda. *Dissidente* Expõe o Universo Cotidiano das Relações Humanas. *A TARDE*, 13 jan. 2013.

**Dissidente é aquele que diverge, discorda, questiona. Tradicionalmente, o rock'n'roll representa bem esse papel. Como vocês construíram, na cena, a relação entre a performance do músico, Ricardo Caian, e o personagem Felipe?**

O músico (Ricardo Caian ou Vagné Lima) funciona como um duplo de Felipe. Felipe escuta Beatles e Janis Joplin, o músico reafirma esta condição rock'n'roll na trilha original da peça e também na sua interpretação de *I Want You*, antes da peça começar. É esta preparação, entre os três sinais, que também já mistura Edith Piaf e Beatles, como quem dissesse: “se sentem aí e se liguem, que a barra vai pesar por aqui”. Edith Piaf está para Helena assim como Janis Joplin está para Felipe.

**A partir desse espetáculo surge a Companhia de Teatro da Casa, que já estreia enquanto grupo com dois prêmios (Braskem de melhor diretor e melhor atriz, para Viviane Laert). E você participa do Vilavox. Parece que gosta de “companhias”....**

A Cia. Teatro da Casa surge oficialmente aí, com a montagem de *Dissidente*, mas eu acho que, de certa forma, já existia antes. Somos amigos de longa data, fizemos muitos espetáculos juntos, no Vila Velha, durante uns dez anos. Eu provoquei a criação da companhia, dei um pontapé numa bola que já estava rolando... Acho que a Cia. Teatro da Casa começa muito bem, sobretudo porque tem já um foco que eu acho bem bacana: a interpretação. Eu não sou da companhia, justamente porque tenho o meu grupo, o Vilavox, ao qual me dedico desde 2001, atuando ora como ator, ora como diretor, autor, produtor... Em 2012, tanto o Vilavox quanto a Companhia “apareceram” como trabalhos reconhecidos, rolaram muitas indicações ao Braskem, para ambos, projetos foram aprovados, festivais, circulação. E as perspectivas de trabalho são am-

plas para ambos os grupos – e mesmo sendo o Vilavox minha prioridade, claro, antevio muitos outros projetos com a Cia. da Casa, que, aliás, agora é mais do que nunca “da Casa”: acabam de ocupar o primeiro andar da Casa Preta Espaço de Cultura: sede do Vilavox e, agora, também da Cia. Teatro da Casa. Opa, sim, gosto de companhias...

**Sua trajetória cruza direção artística e gestão. Como conciliar as duas coisas – ou elas já estão intrinsicamente ligadas?**

Sou do teatro. Acho que todas as formas de se relacionar com o seu trabalho são possíveis, mas eu não sei desmembrar as coisas. Durante anos fui cogestor do Vila Velha, tive experiência em gestão pública, sou militante de movimentos relacionados ao teatro e à cultura em geral, e acredito que quem escolhe trabalhar em grupo, fazer teatro de grupo, de verdade, tem que ser gestor. Há alguns anos, por exemplo, estamos (Vilavox) na Casa Preta. Então, é inevitável não sermos gestores, porque aparece gente querendo ensaiar lá, tem conta de luz, aluguel... Este ano (espero!) a gente inicia um projeto de dinamização da Casa Preta, em parceria com os gestores da Casa. Vamos ter programação todo fim de semana: música, teatro, dança, performances... Então, perceba, elas estão ligadas intrinsicamente, sim.

Mesmo dentro das funções artísticas da linguagem, como dirigir, atuar e escrever, tenho uma permeabilidade que é positiva, eu creio: não poderia estar em cartaz ao mesmo tempo, no mesmo horário, na condição de ator, mas posso estar em cartaz atuando numa peça enquanto outra, que dirigi, está em circulação, por exemplo. E mais: por que não fazer a produção local daquele grupo parceiro que está vindo a Salvador? O teatro precisa das especificidades, sim, mas também das generalidades, desde que cada coisa, claro, seja feita com responsabilidade e, sobretudo, com vontade.

